



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
GRUPO DE PESQUISA LITERATURA E EDUCAÇÃO



Os textos literários nos livros didáticos de ensino fundamental II



Literatura e Educação
Grupo de Pesquisa

Mestranda: Daiani Pignaton Souza Silva
Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Amélia Dalvi

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

1 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA SOBRE O LIVRO DIDÁTICO

1.1 O *PRIMO POBRE* DA LITERATURA

1.2 O *DIREITO À LITERATURA* NO PAPEL: O QUE DIZEM OS PCN E O PNLD

1.3 CONTRIBUIÇÕES DAS PESQUISAS SOBRE LITERATURA NOS LIVROS DIDÁTICOS DE ENSINO FUNDAMENTAL

1.3.1 A PESQUISA ANTERIOR E SUAS CONTRIBUIÇÕES

2 CONTRIBUIÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS

3 EXPOSIÇÃO DO *CORPUS*

3.1 AS COLEÇÕES DIDÁTICAS

3.1.1 COLEÇÃO *PORTUGUÊS: LINGUAGENS*

3.1.2 COLEÇÃO *PARA VIVER JUNTOS*

3.1.3 COLEÇÃO *A AVENTURA DA LINGUAGEM*

CONSIDERAÇÕES FINAIS

REFERÊNCIAS

ANEXOS

O direito à literatura

“Porque pensar em direitos humanos tem um pressuposto: reconhecer que aquilo que consideramos indispensável pra nós é também indispensável para o próximo. [...] Na verdade, a tendência mais funda é achar que os nossos direitos são mais urgentes que os do próximo. Nesse ponto as pessoas são frequentemente vítimas de uma curiosa obnubilação. Elas afirmam que o próximo tem direito, sem dúvida, a certos bens fundamentais, como casa, comida, instrução, saúde, coisas que ninguém bem formado admite hoje em dia que sejam privilégio de minorias, como são no Brasil. Mas será que pensam que o seu semelhante pobre teria direito a ler Dostoievski ou ouvir os quartetos de Beethoven? Apesar das boas intenções no outro setor, talvez isto não lhes passe pela cabeça. E não por mal, mas somente porque quando arrolam os seus direitos não estendem todos eles ao semelhante. Ora, o esforço para incluir o semelhante no mesmo elenco de bens que reivindicamos está na base da reflexão sobre os direitos humanos.” (CANDIDO, 1988, p. 172-173)

Bens Compressíveis X Bens Incompressíveis

“Certos bens são obviamente incompressíveis, como o alimento, a casa, a roupa. Outros são compressíveis, como os cosméticos, os enfeites, as roupas supérfluas. Mas a fronteira entre ambos é muitas vezes difícil de fixar [...] O fato é que cada época e cada cultura fixam os critérios de incompressibilidade, que estão ligados à divisão da sociedade em classes [...] **são bens incompressíveis não apenas os que asseguram a sobrevivência física em níveis decentes, mas os que garantem a integridade espiritual.** São incompressíveis certamente a alimentação, a moradia, o vestuário, a instrução, a saúde, a liberdade individual, o amparo da justiça pública, a resistência à opressão etc.; e também o direito à crença, à opinião, ao lazer e, porque não, à arte e à literatura.” (CANDIDO, 1988, p. 173,174, grifo nosso)

Educação Literária

“A literatura não somente deve permanecer nos currículos escolares, mas lhe deve ser dado um papel mais central do que o atual, sem a tendenciosidade de gênero e classe social que cerca sua realização pedagógica. É a única matéria que pode oferecer alimento para os sentidos e emoções em simbiose com conscientização cultural, social e política, com um aprendizado de prazer e autoconhecimento junto à aquisição de valores de participação política como sujeitos sociais [...] A educação literária surge, assim, como uma metáfora para o entendimento individual e social, para uma inteligibilidade que pode ser educativa e prazerosa.” (LEAHY-DIOS, 2000, p. 273)

Educação Literária

“Minha proposta não é simples. Para que atinja seu potencial, a educação literária precisa ser reconhecida como uma disciplina transformadora e poderosa por professores, alunos e professores de professores, por especialistas acadêmicos e legisladores educacionais. Creio que o primeiro passo a ser dado é o fortalecimento dos professores de Literatura com o conhecimento teórico e prático que a matéria exige, para que os programas atuais se tornem ricas fontes de problematização.”

(LEAHY-DIOS, 2000, p. 277)

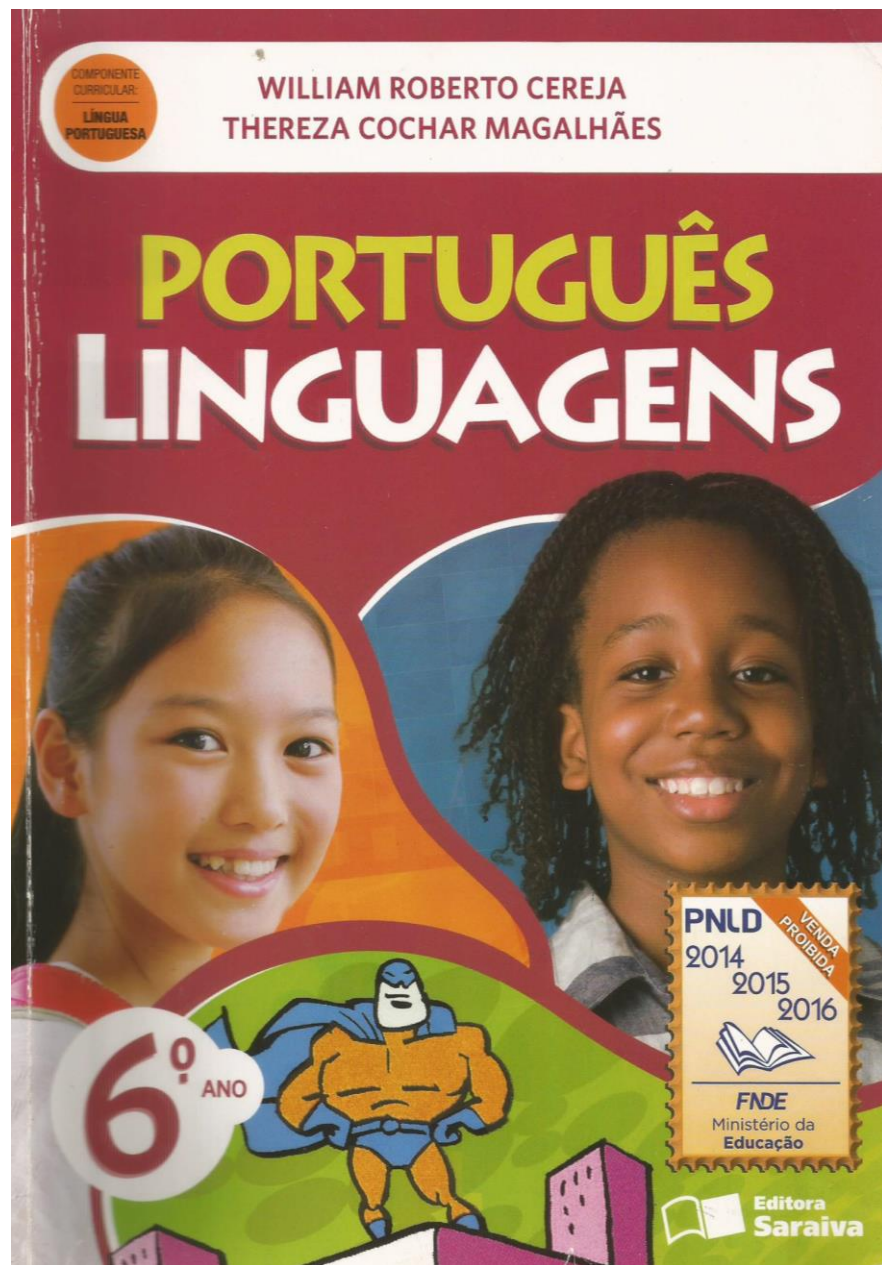
Literatura em ambiente escolar

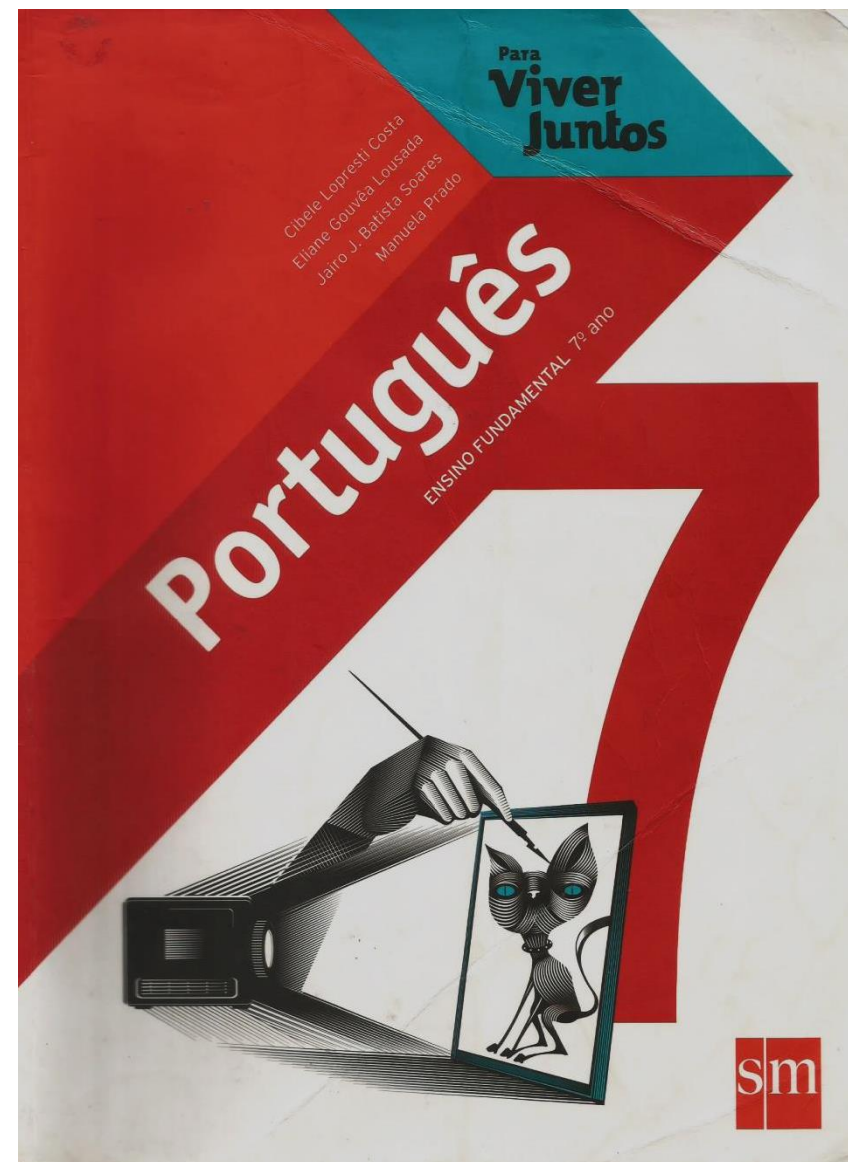
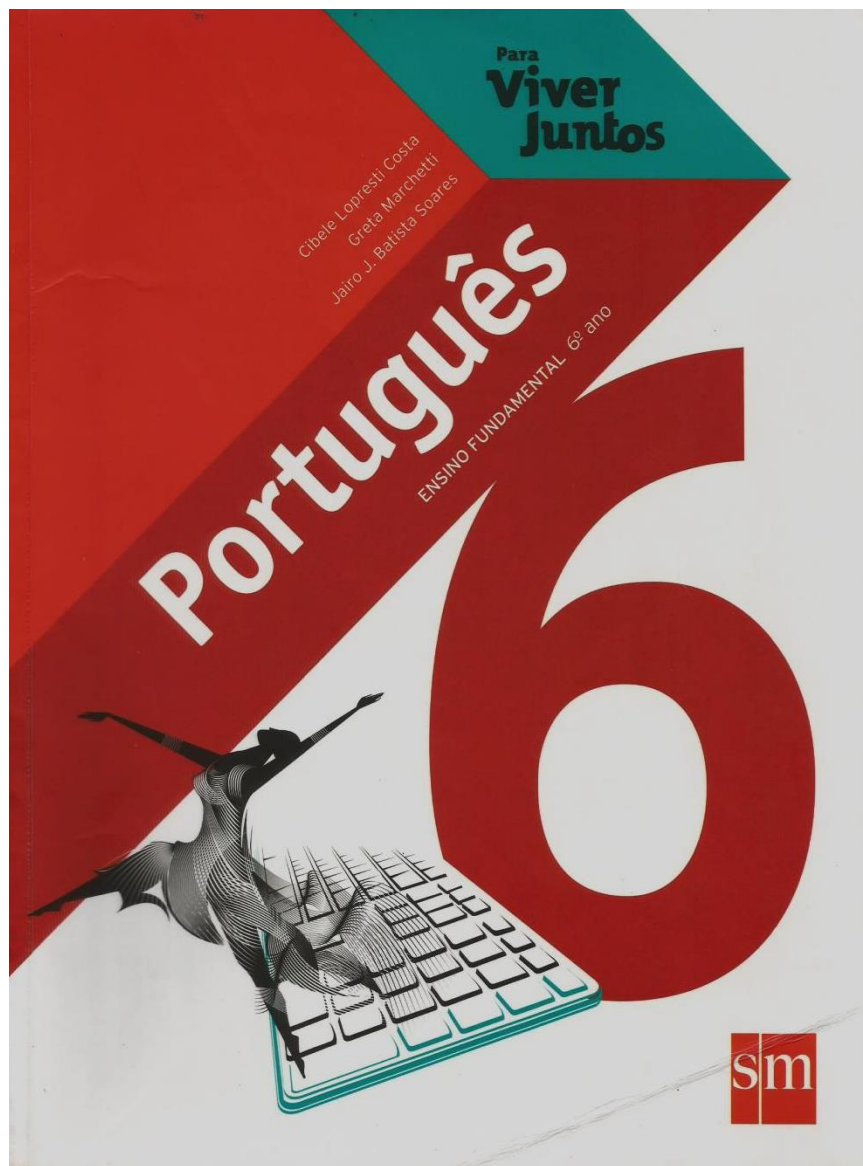
“Partimos do princípio de que a Literatura, do modo como a estamos pensando (próxima, real, democratizada, efetivamente lida e discutida, visceral, aberta, sujeita à crítica, à invenção, ao diálogo, ao pastiche, à leitura irônica e humorada, com manejo dos recursos – verbais, visuais, materiais e imateriais -, inserida no mundo da vida e em conjunto com as práticas culturais e comunitárias, sem medo dos julgamentos), **nunca esteve no centro da formação escolar**. Basta lembrar que, conforme Fonseca (2000), nos modelos tradicionais do ensino da língua materna, o texto literário tinha presença constante, mas erigido em exemplo, em objeto de admiração “por encomenda”, usado como modelo de boa linguagem, como veículo ideológico, como suporte temático e documental, como apoio ao ensino da história literária, como exercícios de análise gramatical – ou seja, uma utilização abusiva, burocrática, nada criativa ou crítica e, pior, uma instrumentalização inespecífica, que conferia ao texto literário uma presença sacralizada e, ao mesmo tempo, banal.” (DALVI, 2013a, p. 77, grifo nosso).

Literatura em ambiente escolar

“Não se pode esquecer a complexidade do “manual escolar” ao se trabalhar com a literatura nos espaços e tempos escolares: instrumento iniciático da leitura para formação de coletividades; suporte privilegiado do conteúdo educativo; objeto de manufatura inscrito em uma lógica industrial e comercial e subjugado aos contextos legislativo e regulamentar (Choppin, 2002); veículo portador de um sistema de valores, de uma ideologia, de uma cultura; proposto, em geral, para cimentar a uniformidade do pensamento, para divulgar determinadas crenças, inculcar normas, regras de procedimentos e valores: contudo, o livro didático pode também criar as diferenças porque a leitura que se faz nele ou dele nunca é única (Bittencourt, 2008: 14-15). O livro didático é um espaço de memória para a história da educação, já que dá a ver, simultaneamente, uma imagem da escola que representa e uma imagem da sociedade por quem é escrito e utilizado, tanto mediante a materialização de programas, imagens e valores dominantes da sociedade, quanto através das estratégias didáticas e das práticas de ensino-aprendizagem que expressa (Bento, 2001).”

(Choppin; Bittencourt; Bento; apud Dalvi, 2013a, p. 90-91)





Luiz Carlos Travaglia
Maura Alves de Freitas Rocha
Vania Maria Bernardes Arruda-Fernandes

A aventura da linguagem

2ª EDIÇÃO REVISTA

LÍNGUA PORTUGUESA

6º ANO ENSINO FUNDAMENTAL



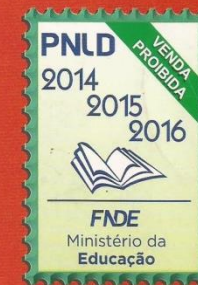
Luiz Carlos Travaglia
Maura Alves de Freitas Rocha
Vania Maria Bernardes Arruda-Fernandes

A aventura da linguagem

2ª EDIÇÃO REVISTA

LÍNGUA PORTUGUESA

7º ANO ENSINO FUNDAMENTAL



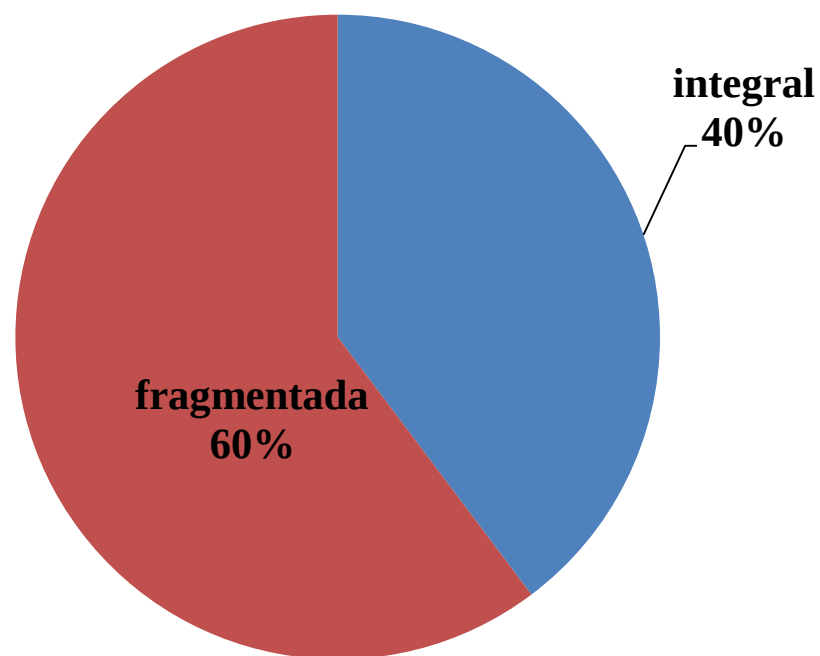
DADOS DO LIVRO DE 6º ANO DA COLEÇÃO PARA VIVER JUNTOS (2012)

continua

Página	Identificação/autor	Gênero	Modo de apropriação pelo L.D.	Estrutura
12	Robinson Crusoe/ Daniel Defoe	romance	Interpretação de texto/Explicação de matéria/Atividades literárias - Elementos da narrativa	fragmentada
27	Paraíso/José Paulo Paes	poema	Interpretação de texto/Intertextualidade	Integral
28	A criatura/Laura Bergallo	romance	Interpretação de texto/Explicação de matéria/Atividades literárias - Elementos da narrativa	fragmentada
40	No trono/ Thalita Rebouças	crônica	Interpretação de texto	fragmentada
42	Água/Paulo Tatit e Arnaldo Antunes	canção	Interpretação de texto/Explicação de matéria - Letras e fonemas	fragmentada
43	Pirata da perna de pau/ Braguinha	canção	Atividades Letras e fonemas	integral
46	Hoje é domingo/ Parlenda Popular (Domínio público)	parlenda	Explicação de matéria	integral
46	Amanhã é domingo/ Parlenda Popular (Domínio público)	parlenda	Explicação de matéria	integral

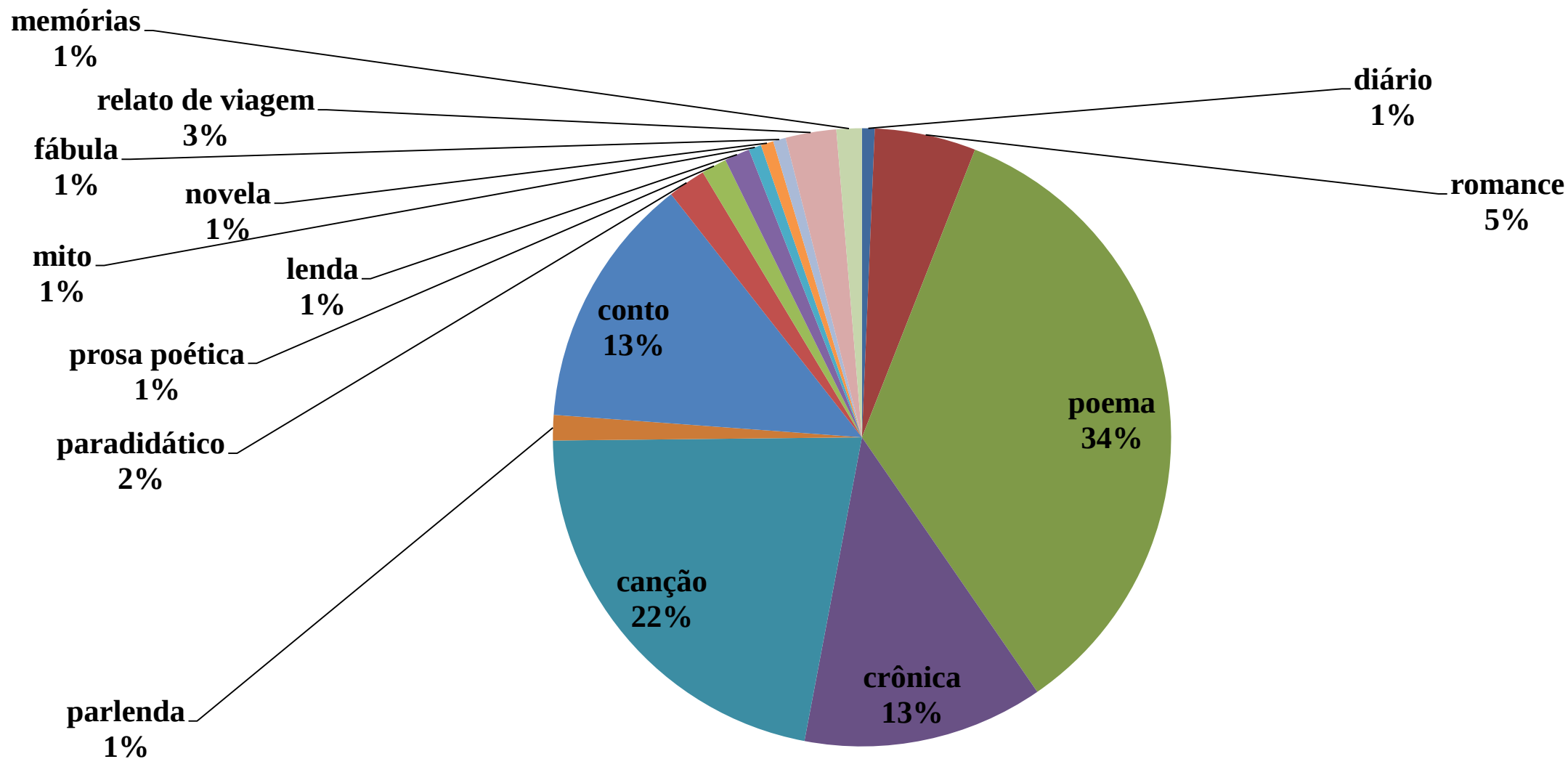
Fonte: Coleta de dados realizada pela autora.

Estrutura dos textos coleção *Para Viver Juntos* (2012)



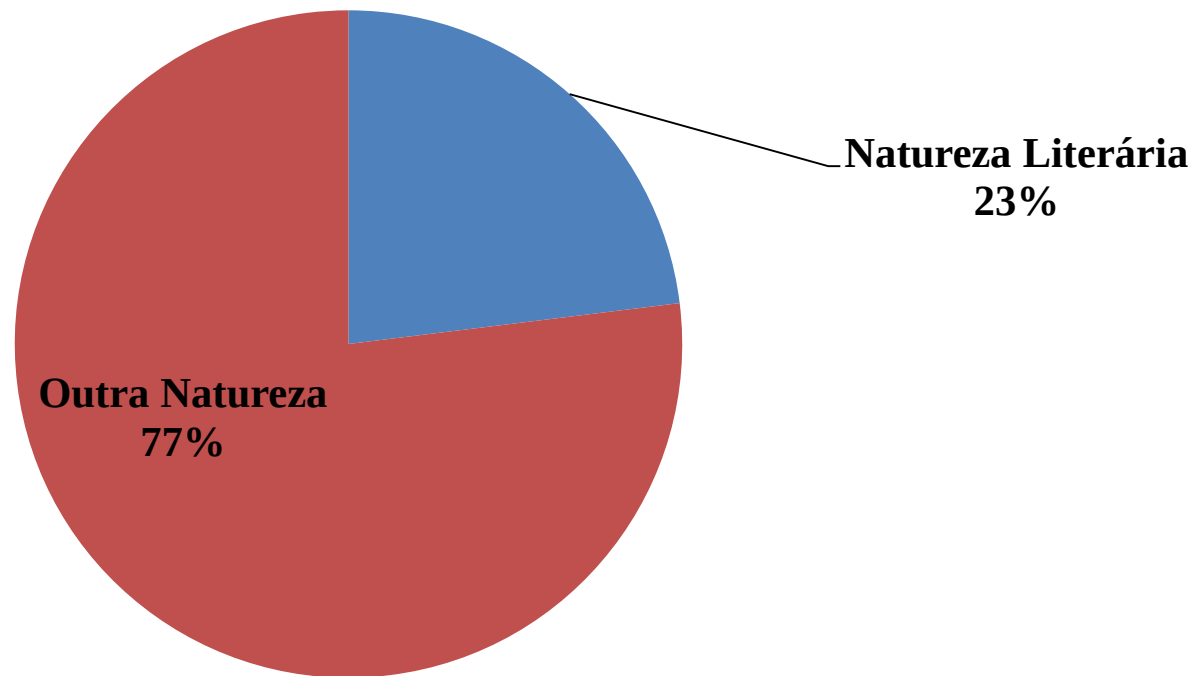
Fonte: Coleta de dados realizada pela autora.

Gêneros literários coleção *Para Viver Juntos* (2012)



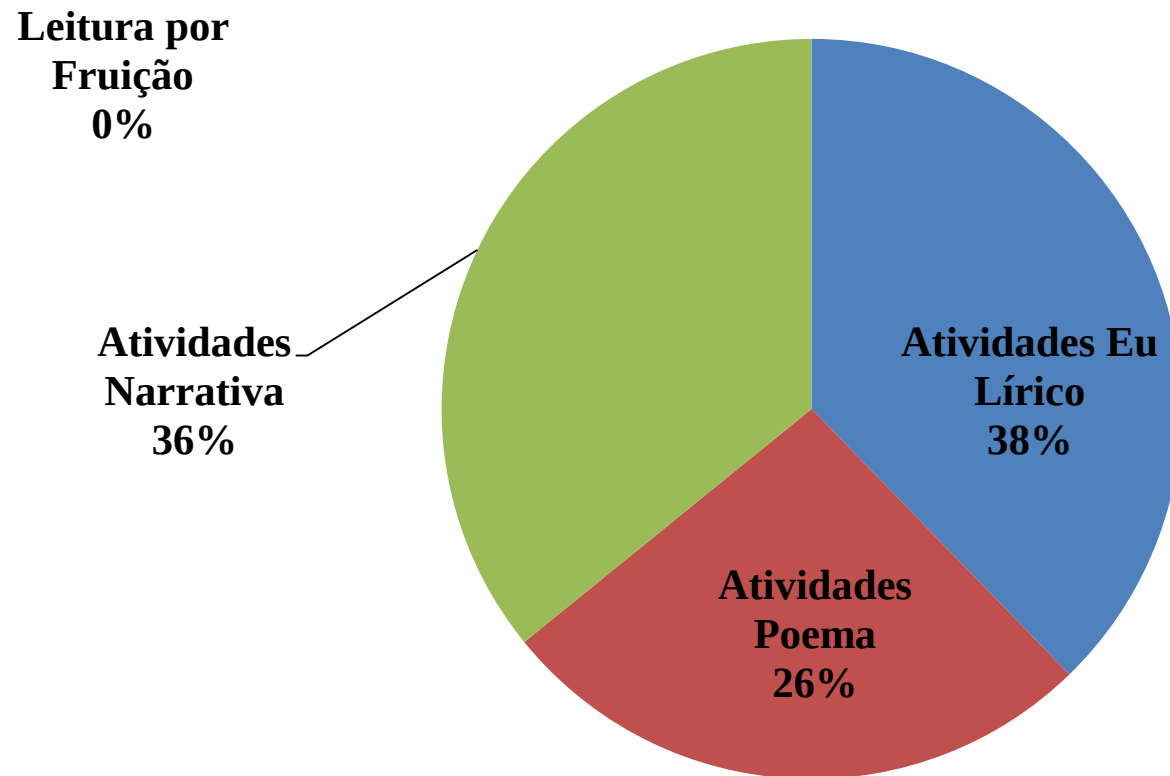
Fonte: Coleta de dados realizada pela autora.

Modo de apropriação dos textos literários na coleção *Para Viver Juntos* (2012)



Fonte: Coleta de dados realizada pela autora.

Atividades de natureza literária coleção *Para Viver Juntos* (2012)



Fonte: Coleta de dados realizada pela autora.

Desinências

São as partes que indicam a pessoa do discurso (1ª, 2ª ou 3ª), o número (singular ou plural), o tempo e o modo do verbo:

pergunta	+ re	+ mos
	desinência	desinência
	de modo e	de número e pessoa
	tempo	(1ª p. do plural)
	(futuro do indicativo)	

EXERCÍCIOS

Leia este poema:

Naquele bairro afastado
onde em criança vivias,
a remoer melodias
de uma ternura sem par...
passava todas as tardes
um realejo tristonho,
passava como num sonho
um realejo a tocar

("Velho realejo", de Custódio Mesquita e Sady Cabral. © 1940 by Irmãos Vitale S. A. Indústria e Comércio. Todos os direitos reservados para todos os países.)

Depois
tu partiste.
Ficou triste
a rua deserta...
Na tarde
fria e calma
ouço ainda o realejo a tocar.



1. A respeito da forma verbal **partiste**:
 - a) Qual é o radical?
 - b) O que a desinência **-ste** informa?
2. As formas verbais **vivias** e **passava** estão no mesmo tempo verbal. Porém, como pertencem a conjugações diferentes, apresentam desinências modo-temporais diferentes.
 - a) A que conjugação pertence o verbo **viver**? E o verbo **passar**?
 - b) A que tempo e modo pertencem as formas verbais **vivias** e **passava**?
 - c) Qual é a partícula, em cada uma das formas verbais, que indica esse tempo e esse modo?
3. No último verso, foi empregada a forma verbal **ouço**.
 - a) A que verbo pertence essa forma verbal?
 - b) Qual é o radical desse verbo?
 - c) O que ocorre com o radical desse verbo na 1ª pessoa do presente do indicativo?

Verbos regulares e irregulares

No 6º ano, ao aprender a conjugar nos tempos do modo indicativo, como modelos, os verbos **amar** (1ª conjugação), **beber** (2ª conjugação) e **partir** (3ª conjugação), você deve ter observado que eles não apresentam alterações no radical. Todos os verbos cujo radical não muda e que conservam as mesmas desinências do modelo de conjugação são chamados de **regulares**. Compare, por exemplo, os verbos **beber** e **entender**, da 2ª conjugação:

eu beb o	eu beb ia	eu beb i
eu entend o	eu entend ia	eu entend i



Leia este poema, de Ulisses Tavares, e responda às questões de 6 a 8.

Biografia

Quando sozinho, sofro,	Tocando, tremo.
Com gente, finjo.	Vencedor, desinteresse.
Se amado, fujo.	Vencido, odeio.
Amante, disfarço.	Quase morto,
Permanecendo, inquieto.	Vivo assustado.
Calado, penso.	Quase vivo,
Pensando, calo.	Morro de medo.
Tocado, recuo.	

(Diário de uma paixão, cit.)



Sandra Ronca

6. Há, no poema, participios com função de adjetivo.
- Identifique dois casos em que isso ocorre.
 - Qual é o papel desses participios em relação ao eu lírico do poema?
7. No poema, o eu lírico fala de si mesmo. Para dar ideia de como é seu mundo interior e sua relação com o mundo, trabalha com oposição de ideias. Observe, por exemplo, estes versos:

Tocado, recuo.
Tocando, tremo.

- A que formas nominais do verbo correspondem **tocado** e **tocando**?
 - Qual dessas formas sugere que o eu lírico pratica a ação de tocar? E qual sugere que o eu lírico recebe a ação?
 - Identifique no poema outros exemplos desse tipo de oposição.
8. O título do poema é “Biografia”. O que a oposição de ideias sugere quanto ao modo como o eu lírico tem vivido a própria vida?

DE OLHO NA ESCRITA

G ou J? (I)

Leia esta tira, de Jean Galvão:



1. Leia o poema.

Cidadezinha qualquer

Casas entre bananeiras
mulheres entre laranjeiras
pomar amor cantar.

Um homem vai devagar.
Um cachorro vai devagar.
Um burro vai devagar.

Devagar... as janelas olham.
Eta vida besta, meu Deus...

Carlos Drummond de Andrade. *Alguma poesia*.
Rio de Janeiro: Record, 2001.
Carlos Drummond de Andrade © Graña Drummond
www.carlosdrummond.com.br



Andréa Vieira/DBR

ACERVO
PNBE

CAPÍTULO 3 • História em quadrinhos

- Qual é o sentido que o uso do diminutivo atribui à palavra *cidade*?
- Ao acrescentar a palavra *qualquer* ao título, a cidadezinha ganha um novo significado. Qual é ele?
- Releia a primeira estrofe do poema. Qual é a função dos substantivos para a construção da imagem da cidadezinha?
- Copie o verso do poema em que um ser inanimado tem uma atitude humana.
- Leia o último verso. Como o poeta vê a vida na cidadezinha?

2. Leia o classificado.

- A quem se dirige um classificado de imóveis?
- Que tipo de informação é importante haver em um classificado para venda de uma casa?
- Qual é a função dos substantivos nos classificados de imóveis?

Vende-se: Guarujá

Casa, 4 quartos, 2 suítes, vista para o mar,
área para churrasco, piscina aquecida
e sauna, garagem para 2 carros.

Contato MAURÍCIO: tel. (0xx13) 3232 0000.

DBR

3. Leia este poema de Vinicius de Moraes.

O elefantinho

Onde vais, elefantinho
Correndo pelo caminho
Assim tão desconsolado?
Andas perdido, bichinho

Espetaste o pé no espinho
Que sentes, pobre coitado?

– Estou com um medo danado
Encontrei um passarinho!

Vinicius de Moraes. *Poesia completa e prosa de Vinicius de Moraes*.
Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004.

ACERVO
PNBE

Andréa Vieira/DBR

- O que o poeta pensou ter acontecido com o elefantinho?
- Por que o elefantinho estava correndo desconsolado?
- O texto faz parte de um conjunto de poemas feito para crianças. Que relação podemos fazer entre o uso do diminutivo e o leitor a que o poema se dirige?

ANOTE

O substantivo **nomeia** os objetos e as coisas que constituem o mundo. Entre suas funções, pode **condensar as informações principais** de um texto, por exemplo, nos títulos das notícias. Pode **descrever** e **caracterizar lugares** e **pessoas**, como nos **poemas** e nos **classificados**.

5. Quem é o eu lírico no poema abaixo?

Copos-de-leite

Meu branco total
alegra os olhos...
O amarelo-ouro
doura os insetos,
que bebem as gotas
do orvalho
nos meus
COPOS-DE-LEITE.

Lúcia Pimentel Góes. *Poetando flor*.
São Paulo: Melhoramentos, 1993. p. 24.



6. Como é possível o poeta criar um eu lírico como esse?

ANOTE

Poesia é o nome geral para a arte de criar imagens e de inventar novos sentidos para os fatos do mundo. A poesia está presente em várias formas de expressão, como a pintura, o cinema, a música, o poema.

Poema é o texto poético organizado em versos, ou seja, em linhas com tamanho limitado (ou não).

A sonoridade e o ritmo do poema

1. Observe estes dois textos.

Éramos três velhos amigos na praia quase deserta. O sol estava bom; e o mar, violento. Impossível nadar: as ondas rebentavam lá fora, enormes, depois avançavam sua frente de espumas e vinham empinando outra vez [...]

Rubem Braga. *Ai de ti, Copacabana*. Rio de Janeiro: Record, 2004.

Uma estrela
namoradeira
piscou
só pra mim
talvez quisesse
que eu subisse ao céu
pra gente viver
um amor sem fim.



Almir Correia. *Poemas malandrinhos*. São Paulo: Atual, 1991. p. 15.

- Que características do mar e da estrela são destacadas em cada um dos textos?
- Que diferença você consegue perceber entre os dois textos, na forma como estão organizadas as palavras?
- Qual dos dois textos apresenta uma forma que se assemelha à do poema de Manoel de Barros "O menino que carregava água na peneira"? Justifique.

■ VAMOS BRINCAR DE POESIA?



a ▶ A seguir há dois poemas de Manuel Bandeira. Você conhece algum poema de Manuel Bandeira?

b ▶ O primeiro poema se chama “Debussy” e o segundo, “A onda”. Você sabe quem foi “Debussy”? Será que este poema se chama “Debussy” porque o poeta fala da pessoa do compositor ou da sua música? Ou será que Manuel Bandeira tenta captar o ritmo de uma música na poesia?

c ▶ Leia o poema “Debussy”: primeiro, silenciosamente; depois, em voz alta.

Debussy¹

Manuel Bandeira

Para cá, para lá...
 Para cá, para lá...
 Um novelozinho de linha...
 Para cá, para lá...
 Para cá, para lá...
 Oscila no ar pela mão de uma criança
 (Vem e vai...)
 Que delicadamente e quase a adormecer o balança
 Psiu...
 Para cá, para lá...
 Para cá e...
 O novelozinho caiu.

Poesia Completa e Prosa: *Poesia: Carnaval*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1967. p. 203.

Depois de ler e apreciar a melodia do poema Debussy, de Manuel Bandeira, responda:

- 1 ■** Quais as brincadeiras que Manuel Bandeira faz com as palavras?
- 2 ■** Para que o autor utilizou as reticências no final de quase todos os versos?
- 3 ■** Observe os versos 9 e 12:
 - Psiu... –
 - O novelozinho caiu.

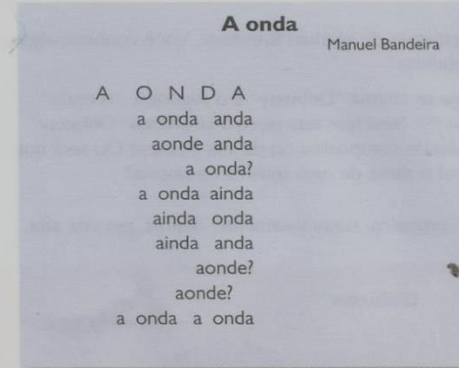
O que os travessões indicam?

Agora vamos ler o segundo poema de Manuel Bandeira, “A onda”.

a ▶ Você já viu uma onda? Como ela é? Procure fazer com as mãos um movimento que lembre a “onda”.

¹Debussy foi um famoso pianista e compositor francês que viveu no final do século XIX e início do século XX. Sua música apresentava efeitos sonoros surpreendentes, já que procurava representar sensações e emoções provocadas pela natureza.

b ▶ Em seguida, façam uma leitura individual do poema, em voz baixa.



Poesia Completa e Prosa: *Poesia: Estrela da Tarde*.
Rio de Janeiro: José Aguilar, 1967. p. 413.

Depois de ler silenciosamente o poema "A onda", de Manuel Bandeira, responda:

- 1 ■** Por que o autor dispõe as palavras no papel dessa maneira?
- 2 ■** Que outro elemento do poema representa o movimento das ondas?
- 3 ■** Faça uma leitura em voz alta do poema.

■ BRINCANDO COM OUTROS POEMAS

a ▶ A seguir há quatro poemas: um de Manuel Bandeira, um de Peter O'Sagae, um de Vinicius de Moraes e outro de Ilídio Rocha. Você já conhece alguns poemas de Manuel Bandeira. E dos outros poetas?

b ▶ Faça a leitura silenciosa dos quatro poemas.

c ▶ Após a leitura silenciosa, apresente para seus colegas o que você sabe sobre:

- ♦ Trem de ferro
- ♦ Abelhas



A sala deverá ser dividida em grupos: cada grupo irá trabalhar com um poema.

- 1 ■** Releia silenciosamente o poema do seu grupo.
- 2 ■** Por que, neste poema, as palavras estão colocadas no papel desta forma?
- 3 ■** Cada aluno do grupo deve ler o poema em voz alta e o grupo escolhe aquele que, ao declamar, o interpretou melhor.
- 4 ■** O aluno que apresentou a melhor leitura lê novamente o poema, enquanto os colegas do grupo procuram fazer movimentos com o corpo que reproduzam o que está sendo lido. Treinem bastante para apresentar esta encenação para a classe toda.
- 5 ■** Para finalizar, cada grupo deverá fazer sua apresentação para a sala toda.

Considerações Finais

- ❖ O lugar ocupado pela Literatura nos livros didáticos estudados;
- ❖ As políticas públicas de fomento ao livro didático de ensino fundamental II;
- ❖ Importância da circulação do tema na Universidade;
- ❖ A urgência em revisar nossas práticas enquanto docentes;

Referências

- ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e Aparelhos ideológicos de estado**. Lisboa: Presença, 1970.
- ANFLOR, Tatiana. **A leitura nas classes populares:** uma investigação na 5ª série do Ensino Fundamental. Disponível em: <<http://repositorio.pucrs.br/dspace/handle/10923/4090>>. Acesso em: 14 dez. 2015.
- ARRAES, Beatriz Pinheiro. **O cânone em movimento:** um estudo da leitura de textos canônicos adaptados em livro didático do Ensino Fundamental. Disponível em: <http://www.ple.uem.br/defesas/def_beatriz_arraes.htm>. Acesso em: 14 dez. 2015.
- BARTHES, R. **Aula**. Trad.: L. Perrone-Moisés. São Paulo: Cultriz, 1979.
- BRAGATO, Solange. **A leitura do texto literário e da imagem no livro didático do Ensino Fundamental**. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cp001333.pdf>>. Acesso em: 14 dez. 2015.
- BRASIL. Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE). Ministério da Educação. **Apresentação**. 201-?. Disponível em: <<http://www.fnde.gov.br/programas/livro-didatico/livro-didatico-apresentacao>>. Acesso em: 22 maio 2016.
- BRASIL. **Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação**. Brasília, 2013. Disponível em: <<http://www.fnde.gov.br/programas/livro-didatico/livro-didatico-dados-estatisticos>>. Acesso em 03 jul. 2015.
- BRASIL. **Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação**. Brasília, 2013. Disponível em: <<http://www.fnde.gov.br/component/k2/item/3010?Itemid=1296>>. Acesso em 03 jul. 2015
- BRASIL. **Programa Nacional do Livro Didático**. Brasília, 2011. Disponível em: <<http://www.fnde.gov.br/programas/livro-didatico/guia-do-livro/item/2349-guia-pnld-2011---anos-finais-do-ensino-fundamental>>. Acesso em: 03 jul. 2015.
- BRASIL. **Programa Nacional do Livro Didático**. Brasília, 2013. Disponível em: <<http://www.fnde.gov.br/programas/livro-didatico/escolha-pnld-2015/guias-antiores/item/4661-guia-pnld-2014>>. Acesso em: 03 jul. 2014.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília, 1998. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/portugues.pdf>>. Acesso em: 04 jul. 2015.

CANDIDO, A. O direito à Literatura. In: _____. **Vários Escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 1988.

CEREJA, W. R.; MAGALHÃES, T. A. C. **Português: Linguagens**. São Paulo: Saraiva, 2012.

CEREJA, W. R.; MAGALHÃES, T. A. C. **Português: Linguagens**. São Paulo: Saraiva, 2012.

COSTA, C. L. *et al.* **Para Viver Juntos**, vol 6. São Paulo: Edições SM, 2009.

COSTA, C. L. *et al.* **Para Viver Juntos**, vol 6. São Paulo: Edições SM, 2009.

COSTA, C. L.; MARCHETTI, G.; SOARES, J.J.B. **Para Viver Juntos**, vol 6. São Paulo: Edições SM, 2012.

COSTA, C. L. *et al.* **Para Viver Juntos**, vol 7. São Paulo: Edições SM, 2012.

DALVI, M. A.; REZENDE, N. L. de; JOVER-FALEIROS, R; *et al.* (Orgs.). **Leitura de Literatura na Escola**. São Paulo: Parábola, 2013.

DALVI, Maria Amélia. **Drummond**: a invenção de um poeta nacional pelo livro didático. Vitória: Edufes, 2011.

_____. **A poesia contemporânea em Livros Didáticos e a formação de leitores escolarizados**: a trapaça institucionalizada. In: Contexto. nº 20, jul-dez 2011, p. 183-217.

_____. **Literatura na escola**: Propostas didático-metodológicas. In: DALVI, Maria Amélia; REZENDE, Neide Luzia de; JOVER-FALEIROS, Rita. (Orgs.). **Leitura de Literatura na escola**. São Paulo: Parábola, 2013a.

_____. **Literatura nos livros didáticos de ensino médio**: as pesquisas de pós-graduação. Eutomia (Recife), v. 1, 2013b, p. 386-406.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002, 175P.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **A formação da leitura no Brasil**. São Paulo: Ática, 1998.

LAJOLO, Marisa. O texto não é pretexto. In: ZILBERMAN, Regina. (Org.) **Leitura em crise na escola**: as alternativas do professor. 9. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

LAJOLO, Marisa. O texto não é pretexto: será que não é mesmo? In: ZILBERMAN, Regina; RÖSING, Tânia (Org.). **Escola e leitura**: velha crise, novas alternativas. São Paulo: Global, 2009. p. 17-40.

LEAHY-DIOS, Cyana. **Educação literária como metáfora social**: desvios e rumos. Niterói, RJ. EdUFF, 2000.

SILVA, Daiani Pignaton Souza. **A Literatura no livro didático de Ensino Fundamental**: a coleção Para Viver Juntos (6º e 7º anos). 2013. 40 f. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura Plena em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa) – Colegiado de Letras – Português, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória.

SOUZA, Héber Ferreira de. **Apropriações do livro didático de Literatura**: um diálogo com professores e alunos. Disponível em <http://portais4.ufes.br/posgrad/teses/tese_8606_disserta%E7%E3o%20revidada%20em%20outubro2015%20HFS.pdf> Acesso em dez. 2015.

TRAVAGLIA, L. C.; FERNANDES, V. M. B. A.; ROCHA, M. A. F. R. **A Aventura da Linguagem**, vol 6. Belo Horizonte: Editora Dimensão, 2012.

TRAVAGLIA, L. C.; FERNANDES, V. M. B. A.; ROCHA, M. A. F. R. **A Aventura da Linguagem**, vol 7. Belo Horizonte: Editora Dimensão, 2012.

Obrigada!